

A Sonorização do Mito do Uakti: análise da gravidade semântica em uma aula de criação

Comunicação

Lucas Rodrigues Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora
lucasribeirosjn@gmail.com

Resumo: O presente texto traz um relato de experiência no estágio supervisionado, onde se analisa a atividade relacionada ao mito do Uakti (do povo tukano) realizada com alunos de sete anos de idade, do segundo ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII no estado de Minas Gerais. Essa análise utiliza a dimensão Semântica da Teoria dos Códigos de Legitimação de Karl Maton, do inglês LCT - *Legitimation Code Theory*, especialmente o conceito de gravidade semântica, por meio da qual é possível estabelecer parâmetros de abstração e concretude no trabalho com o conhecimento musical. A atividade proposta pelo professor foi a sonorização do mito do Uakti, em que as crianças criaram uma ambientação sonora para diferentes trechos ou cenários da história. A análise revelou que a atividade caracterizou-se, predominantemente, por uma gravidade semântica mais forte, ou seja, pelo contato direto com a música, pelo fazer musical. É importante considerar que, por se tratar de um curto tempo para realização dessa atividade, não é possível realizar muita variação em termos de gravidade semântica, realizando ondas (relacionando momentos de envolvimento direto com música, com outros que pensam esse fazer musical). Observa-se, nesse momento, a decisão do professor por garantir experiências musicais que depois poderão ser sistematizadas, o que se mostra condizente com a faixa etária envolvida. Assim, a construção de conhecimento musical, nessa aula em questão, parte da experiência para, em momento oportuno, envolver conceitos e abstrações.

Palavras-chave: Educação Musical, Escola Básica, LCT, povos indígenas.

Notas Introdutórias

O presente texto apresenta um relato de experiência ocorrida no estágio supervisionado, onde se analisa uma atividade realizada no mês de maio do ano de 2023 com alunos de sete anos de idade, do segundo ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, no estado de Minas Gerais. Essa análise utiliza a dimensão Semântica da Teoria dos Códigos de Legitimação (LCT, da sigla inglesa *Legitimation Code Theory*) proposta por Karl Maton (2014), evidenciando a gravidade semântica, por meio da qual é possível estabelecer

parâmetros de variação da abstração e da concretude no trabalho com o conhecimento musical.

No ambiente onde ocorreram as experiências das atividades musicais, estiveram presentes o estagiário (autor deste relato), um bolsista, um outro estagiário e o professor regente da turma. Esta turma contém 30 alunos em seu número total, mas pelas diretrizes de um projeto desenvolvido pelos professores de artes e de música, as turmas foram divididas em dois grupos. Um grupo participa da aula de artes e, o outro, da aula de música, concomitantemente. Dessa forma, 15 crianças participaram desta atividade, que ocorreu durante a aula de música.

No mês de maio de 2023, os professores de música e de artes visuais estavam trabalhando com seus alunos projetos dentro da temática da cultura dos povos indígenas do Brasil e de outros povos do exterior. Nesse contexto é que, a seguir, apresento a descrição de uma das aulas ministradas que envolveu o mito do Uakti, do povo Tukano: povo que vive no noroeste amazônico do Brasil e da Colômbia, às margens do Tiquié, afluente do Rio Uaupés.

A Atividade do Uakti

O professor recebeu todos os quinze alunos na sala e pediu que eles se sentassem no chão, juntamente com ele, os estagiários e o bolsista, em formato de círculo, com as pernas cruzadas. Como introdução da atividade, um dos estagiários narrou a história do Uakiti na qual se basearia a atividade musical. Esta se resume no presente excerto extraído da revista virtual Canto das Florestas¹:

Às margens do Rio Negro, vivia Uakti. Ele era um espírito com corpo de homem que encantava as mulheres. Seu corpo, cheio de furos, produzia sons misteriosos quando o vento passava. Enciumados, os homens da aldeia criaram uma armadilha e mataram Uakti. Onde foi enterrado seu corpo, nasceram três palmeiras e, desde então, os instrumentos feitos com essas palmeiras produzem sons mágicos e encantadores. (PUCCI, ALMEIDA, 2023)

Logo após a narrativa da história, o professor perguntou o que as crianças haviam achado do mito. O professor pediu que aquelas que quisessem falar levantassem a mão e

¹<https://www.cantosdafloresta.com.br/musicas-indigenas/propostas-didaticas/os-sopros-tem-historias-para-contar/>

esperassem sua vez de participar. As crianças, em geral, relataram ter gostado da história: algumas ficaram tristes pela morte do Uakti, outras comentaram sobre a origem dos instrumentos de sopro e sua relação com o personagem do mito.

Foi proposta então pelo professor a criação de ambientações sonoras de trechos e cenários da história, como uma paisagem sonora (SCHAFER, 2011). A paisagem sonora, segundo Schafer (2011, p. 23 - 24), "é qualquer campo sonoro acústico". O autor compreende como paisagem sonora uma composição musical, um programa de rádio ou mesmo um ambiente acústico. Relaciona-se, portanto, à constituição sonora dos lugares, algo que foi explorado pelo professor na proposição da atividade. A atividade de criação foi justamente isso: construir uma ambientação sonora relacionada a diferentes trechos ou cenários do mito a partir de sons corporais e da manipulação de diferentes fontes sonoras instrumentais disponíveis.

Para isso, o mito foi dividido em quatro momentos: primeiro – sonorização da floresta; segundo – sonorização do Uakti; terceiro – sonorização da perseguição e morte do Uakti; quarto – sonorização das palmeiras que cresceram onde Uakti foi enterrado. A partir dessa divisão, quatro grupos foram formados com os quinze alunos presentes.

Com os grupos separados, o professor, os dois estagiários e o bolsista auxiliaram as crianças trazendo os instrumentos por elas solicitados para criação das paisagens sonoras relacionadas a cada momento da história escolhido por aquele grupo. Quando todos os grupos já haviam criado suas paisagens sonoras, o professor narrou a história novamente, desta vez sendo acompanhado por cada grupo em seu momento específico. A atividade se estendeu aproximadamente por toda a aula daquele dia, que durou cerca de cinquenta minutos.

Analisando as variações de abstração e concretude na atividade

Para analisar a atividade com o mito do Uakti, utilizamos a dimensão Semântica da Teoria dos Códigos de Legitimação – LCT, sigla do inglês *Legitimation Code Theory* (MATON 2014). Mais especificamente, utilizou-se o conceito de gravidade semântica, que aborda a variação dos níveis de abstração e concretude dos conceitos empregados na atividade.

A Teoria dos Códigos de Legitimação (LCT) é definida como uma coleção de ferramentas sociológicas para o estudo da prática que proporciona a oportunidade de imergir



nos fundamentos em que as práticas são legitimadas (MATON, 2013, p.10). Esse kit de ferramentas teóricas possui várias dimensões, e cada uma dessas dimensões se aprofunda em um conjunto específico desses fundamentos. A dimensão Semântica contribui para o aprofundamento na compreensão de práticas de construção do conhecimento, evidenciando os diferentes níveis de abstração e complexidade de seus significados (MATON, 2013).

Como afirmado anteriormente, utilizaremos nessa análise o conceito de gravidade semântica (GS):

A gravidade semântica varia num continuum de forças que é definido empiricamente a partir do que está sendo estudado. Em música, quando o conceito é trabalhado de maneira mais concreta, a partir de experiências diretas com os sons, observa-se um nível mais forte de gravidade semântica (GS+). Já quando a abordagem é mais abstrata, falando-se sobre música, apresentando-se e definindo-se verbalmente os conceitos, a gravidade semântica é mais fraca (GS-) (PEREIRA; PEREIRA; PEREIRA, 2022, p. 6).

Para analisar a variação da gravidade semântica na atividade do Uakti foi utilizado um "dispositivo de tradução" (MATON, CHEN, 2016), quadro que busca aproximar os conceitos teóricos dos dados empíricos a partir da delimitação de indicadores. Podemos observar, no quadro 1, o dispositivo de tradução semântica utilizado para analisar essa aula de música:

Quadro 01: Dispositivo de tradução da aula de Música – Gravidade Semântica

GS-	Gravidade semântica mais fraca	Falar sobre música	GS--	Conceitos são apresentados e definidos verbalmente.
			GS-	Exemplos de/sobre música e /ou som sem a vivência sonora.
GS+	Gravidade semântica mais forte	Experiência direta com música	GS+	Vivências e experiências musicais apenas via apreciação, sem utilização do corpo.
			GS++	Vivências e experiências musicais de conceitos mais simples, utilizando o corpo.

Fonte: PEREIRA (2022, p.79)

A importância de se investigar a variação de gravidade semântica em aulas de música deve-se ao fato de que a construção de conhecimento musical será mais consistente,



especialmente em se tratando de crianças, quando partindo de experiências concretas com os sons. Essa é uma premissa defendida por pedagogos musicais desde o início do século passado, como Émile-Jacques Dalcroze, por exemplo, é reforçada por teóricos da contemporaneidade, como Keith Swanwick (1994).

Muitos estudantes de música, mesmo tendo conhecimento sobre as propostas destes educadores musicais, continuam propondo aulas de música que partem de abstrações - repetindo a forma como foram ensinados. Observei isso ao longo das disciplinas do curso de Licenciatura em Música da XXXX, tanto em mim quanto nos meus colegas.

Dessa forma, exercícios como esse contribuem para uma melhor compreensão de práticas de ensino de música, especialmente durante as observações de professores mais experientes, proporcionadas pelo estágio supervisionado. Para a análise da aula em questão, ela foi dividida em diferentes momentos, e cada momento foi classificado com um nível de gravidade semântica (GS) de acordo com o dispositivo de tradução apresentado acima.

O Quadro 02 apresenta esta divisão e essa classificação:

Quadro 02: Gravidade Semântica da Aula do Uakti

MOMENTO DA AULA	GS
1 - Narrativa do mito do Uakti	GS -
2 - Explicação da atividade e divisão dos grupos	GS -
3 - Sonorização do Som da Floresta	GS ++
4 - Sonorização do Som do Uakti	GS ++
5 - Sonorização da Perseguição e Morte do Uakti	GS ++
6 - Sonorização das Palmeiras	GS ++
7 - Performance da criação a partir da narrativa do mito	GS ++

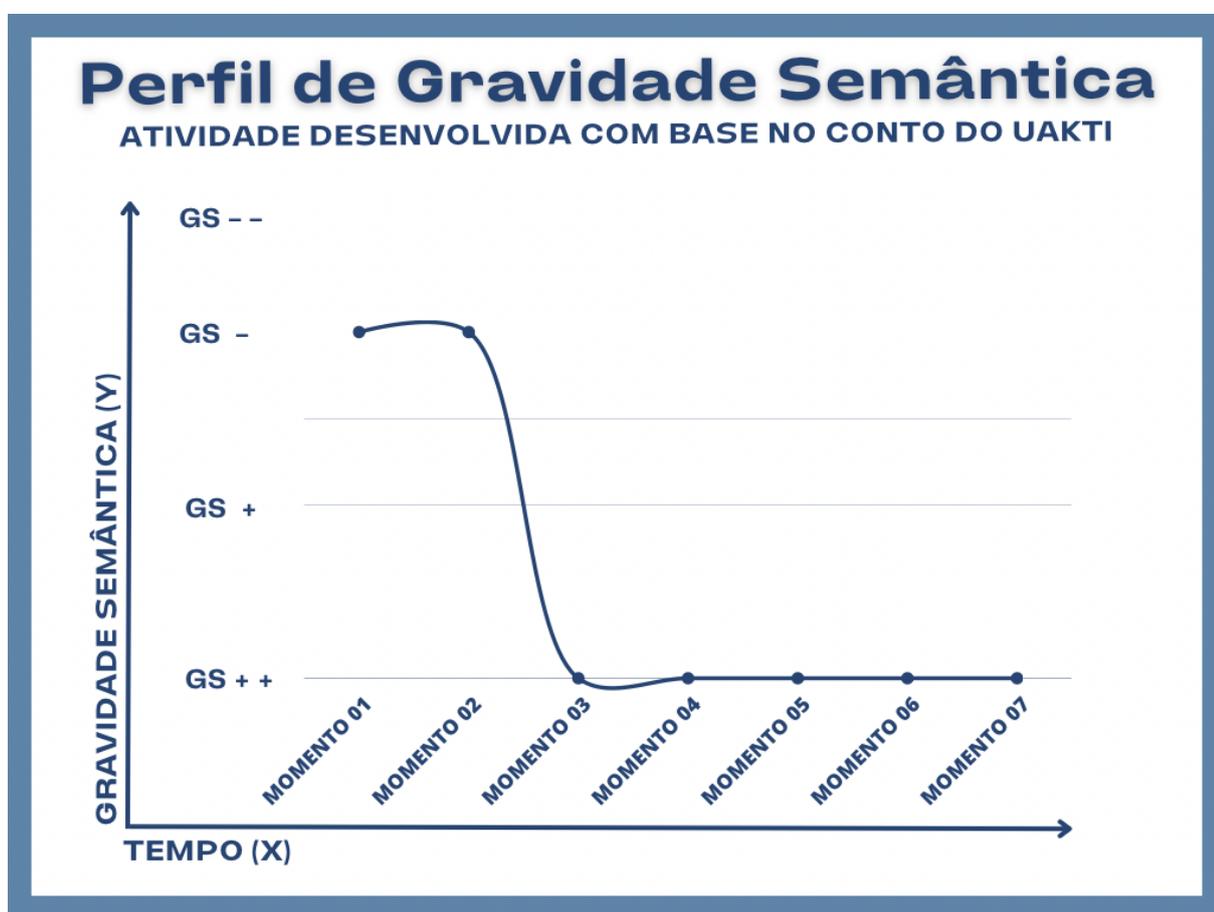
Fonte: elaborado pelo autor.



É interessante destacar que, nessa aula, nenhum conceito foi diretamente trabalhado com os estudantes. Os momentos que apresentaram uma gravidade semântica mais fraca foram aqueles em que o professor apresentou a proposta de atividade, logo seguido por momentos de fazer musical.

Os dados dispostos no quadro dois foram registrados em um gráfico, onde o eixo x representa os diferentes momentos da atividade, e o eixo y indica os diferentes níveis da gravidade semântica - resultando no seguinte perfil de gravidade semântica:

Gráfico 1: Perfil de Gravidade Semântica da Aula do Uakti



Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto mais forte a gravidade semântica, maior a concretude: experiências e vivências musicais utilizando o corpo e instrumentos musicais. Quanto mais fraca, maior a abstração, sendo que nesses momentos apenas se fala sobre música e de seus conceitos. É o

movimento de ondas entre fazer e falar sobre música que possibilita a construção de conhecimento musical.

Analisando o perfil de gravidade semântica delineado a partir da análise da aula em questão, podemos observar que ela se iniciou em uma gravidade semântica mais fraca, quando o professor explicava sua proposta de atividade: ainda que não houvesse nenhum conceito sendo explicado, também não houve contato direto com música - como uma apreciação, por exemplo. É importante ressaltar que isso não é necessariamente um problema, mas, sim, o resultado de uma decisão do professor: ele poderia ter começado da exploração sonora do corpo e dos instrumentos musicais, mas decidiu iniciar pela narrativa do mito e a explicação daquilo que deveria ser feito em seguida.

Após esse momento inicial, a gravidade semântica é fortalecida, quando então se inicia o processo de criação dos ambientes sonoros relativos a cada parte da história. Os alunos começaram a manipular as fontes sonoras, tanto corporais quanto instrumentos que foram solicitados pelos estudantes. A tomada de decisões sobre os materiais sonoros (SWANWICK, 1994) é, também, uma prática da educação humanizadora, como define Paulo Freire:

[...] na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de entender, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, *eticizar* o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente *sonhos* por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra (FREIRE, 2000, p.17).

Esse exercício de tomada de decisão é fundamental para o desenvolvimento da compreensão musical, além de contribuir para a construção de um sujeito autônomo e crítico. Como afirmam França e Swanwick (2002, p. 9):

(...) a composição é uma ferramenta poderosa para desenvolver a compreensão sobre o funcionamento dos elementos musicais, pois permite um relacionamento direto com o material sonoro (Swanwick, 1979, p. 43). Trabalhando-se a partir da matéria prima, pode-se "decidir sobre a ordenação temporal e espacial dos sons, bem como sobre a maneira de produzir os sons e o fraseado" (Swanwick, 1994, p. 85). Assim, ela estende ao máximo o exercício da tomada de decisão expressiva, habilidade determinante no fazer musical. Compor é "uma forma de se engajar com os



elementos do discurso musical de uma maneira crítica e construtiva, fazendo julgamentos e tomando decisões” (Swanwick, 1992, p. 10)

Logo, percebe-se que atividades de composição envolvem momentos de forte gravidade semântica, que pode ser enfraquecida posteriormente a partir da reflexão sobre o que se fez, sobre as decisões tomadas, sobre a organização estabelecida. Nesse sentido, a variação observada em relação ao propósito da aula foi adequada, visto que os alunos empenharam-se na produção da sonoridade, manifestando curiosidade e força de vontade de desenvolver de forma peculiar a paisagem sonora de cada momento da história.

Reforçamos, mais uma vez, que se trata da análise de apenas uma aula: uma maior variação poderá ocorrer se considerada uma sequência didática, onde conhecimentos e conceitos musicais poderão ser trabalhados a partir das experiências diretas com música.

Notas Finais

A atividade do Uakti possibilitou aos estudantes experiências musicais importantes para o desenvolvimento da compreensão musical. Atividades de criação, como a observada nessa aula específica, possibilitam um contato direto com o material sonoro, exigindo importantes tomadas de decisão que impactarão significativamente a formação das crianças.

A análise a partir da gravidade semântica possibilitou compreender as tomadas de decisão do professor, contribuindo para sistematizar as suas práticas pedagógicas. Nos limites deste artigo, apresentamos a análise de apenas uma aula, com apenas uma atividade. Contudo, ao longo do estágio supervisionado foi possível analisar as aulas subsequentes, o que permitiu compreender como o professor foi conduzindo o processo de ensino.

Dessa forma, a LCT tem contribuído com importantes ferramentas para a observação das aulas no estágio, bem como para a construção de proposições de aulas para essas turmas. Especialmente no que se refere à gravidade semântica, observar como o professor trabalha as variações de abstração e concretude ao longo das aulas é fundamental para compreender as tomadas de decisão em relação à construção de conhecimento - sempre em diálogo com a faixa etária envolvida, os objetivos das atividades e as demandas dos estudantes.

A ferramenta teórica contribui para que possamos planejar com mais detalhes a sequência de atividades, com vistas à construção de conhecimento, sempre considerando a importância da relação direta com os sons, com a música. Dessa forma, é interessante considerar que cada aula pode partir de um nível de abstração ou concretude, e podemos observar quais formas de condução das atividades dão melhores resultados com os diferentes alunos.

O estágio supervisionado, nessa perspectiva, se constituiu como uma importante experiência para minha formação docente, tanto pelo contato com o ambiente real da sala de aula, quanto pelas reflexões possibilitadas a partir das ferramentas de análise utilizadas. Em outras palavras, por também possibilitar, na disciplina de estágio supervisionado, ondas de gravidade semântica significativas para a formação docente.

Referências

FRANÇA, C.C.; SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Revista Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MATON, Karl. Making semantic waves: A key to cumulative knowledge-building. *Linguistics and Education*, v. 24, n. 1, p. 8–22, 2013.

MATON, K. *Knowledge and Knowers: towards a realist sociology of education*. Londres: Routledge, 2014.

MATON, K., CHEN, R.T-H. LCT in qualitative research: Creating a translation device for studying constructivist pedagogy. In: MATON, K.; HOOD, S.; SHAY, S. (Eds.). *Knowledge building: Educational studies in Legitimation Code Theory*. London: Routledge, 2016, pp. 27–48.

MEDEIROS PEREIRA, M. V. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MÚSICA: decompondo a prática para tornar visível o conhecimento pedagógico. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS*, v. 28, n. 55, p. 66-93, 27 set. 2022.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros; PEREIRA, Luana Roberta Oliveira de Medeiros; PEREIRA, Silvana de Souza. Música nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise da gravidade semântica nas propostas dos PETs da rede estadual de Minas Gerais. Encontro Regional Sudeste da ABEM, XVIII. *Anais...*, 2022, s.p..

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. *Cantos da Floresta*: iniciação ao universo musical indígena. 2023. <https://www.cantosdafloresta.com.br/musicas-indigenas/propostas-didaticas/os-sopros-tem-historias-para-contar/> Acesso em: 28/06/2023

SCHAFFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 2011.

SWANWICK, Keith. *Musical Knowledge. Intuition analysis and music education*. London: Routledge, 1994.

